



## **IDENTIDADE CULTURAL E TRANSTERRITORIALIDADE: A ERVA-MATE COMO ELEMENTO HISTÓRICO NA FORMAÇÃO IDENTITÁRIA DA FRONTEIRA PONTA PORÃ (BR) E PEDRO JUAN CABALLERO (PY)**

**Márcio Aquino  
Moisés Centenaro  
Romildo Camargo Martins  
Aline Robles Brito**

### **Resumo**

Transformações, mudanças e evoluções são inevitáveis, bem como indiscutíveis para as estruturas sociais em um mundo cada vez mais globalizado. Nesse sentido, o presente estudo busca evidenciar, dentro de um contexto histórico-cultural, um olhar sobre a fronteira Brasil e Paraguai frente à sua formação identitária pela influência histórica e atual da exploração ervateira na região. Desde a caracterização e conceituação de identidade, cultura e aculturação global e seus impactos locais, buscou-se reunir informações e conteúdo na literatura histórica e atual, que corroborassem na discussão dessa temática. Com efeito, a partir de uma abordagem bibliográfica de caráter exploratório, o estudo se debruça sobre a temática com base em importantes autores e pesquisadores nacionais e internacionais sobre o assunto. A priori, evidencia-se que o aspecto histórico da erva-mate se apresenta como um importante elemento capaz de gerar o sentimento de pertencimento identitário dos populares pontaporanense, identificados no tereré, no mate e em outras manifestações culturais. Não obstante, os processos de aculturação e fatores de desenvolvimentos globais, tornam-se preocupantes frente a perda gradativa dos símbolos e ícones histórico-culturais que permeiam esta dinâmica de fronteira. Necessitando endogenamente, ações que possam resgatar o sentimento de pertencimento e identidade local.

**Palavras-Chave:** Identidade Cultural. Pertencimento. Fronteira. Erva-Mate.

### **1 Introdução**

Considerar os aspectos culturais e suas particularidades nos processos de formação de uma sociedade tornam-se fatores estimulantes de uma identidade coletiva e compartilhada daqueles que compõem uma realidade social. Contudo, as primeiras ideias apresentadas, no objetivo de descrever e definir cultura recai sobre o âmbito da antropologia, especificamente na pessoa de Edward Tylor<sup>1</sup> (1832-1917) no livro *Primitive Culture* (1871), no qual o autor considerava a cultura como fenômeno natural que possui causas e fenômenos regulares que a partir do momento que se apresenta assertivo para a condução de um grupo ou tribo, tornam-se práticas a serem adotadas e conseqüentemente, disseminadas.

---

<sup>1</sup> Filiado à escola antropológica do evolucionismo social, foi um importante antropólogo britânico e considerado o pai do conceito moderno de cultura. (wikipédia.org).



A cultura nesse sentido fomenta desde então, preocupações tanto para a compreensão das sociedades modernas, quanto àquelas que perdem seus comportamentos, crenças e costumes com o passar do tempo. Diante disso, Santos (2006) destaca duas vertentes para significar cultura, sendo que a primeira remete-se a todos os aspectos de uma realidade social e a segunda refere-se mais especificamente ao conhecimento, costumes, crenças e ideias de um povo. Não obstante, consideram-se inúmeros fatores que possuem papel influenciador na formação e concretização do comportamento humano e social, porém, somente a cultura surge como um sistema que adapta as comunidades humanas à essência e à natureza biológica do ser.

Tal aspecto reforça a afirmação de Laraia (2001) quando diz que o modo de organização social e econômica de uma comunidade tornam-se padrões de agrupamentos de suas práticas, sejam também, políticas ou de caráter religioso, bem como suas crenças costumes. Junto a estes fatores, o estado de Mato Grosso do Sul possui em seu enredo histórico, desde a sua criação<sup>2</sup> no ano de 1977 pelo então presidente Ernesto Geisel, manifestações culturais importantes em todos os seus municípios, destacando-se no presente estudo, a cidade de Ponta Porã, que possui junto ao seu processo de formação social, uma forte influência que a exploração da erva-mate estimulou localmente, transpassando uma fronteira física e ao mesmo tempo imaginaria junto a cidade paraguaia de Pedro Juan Caballero, especificamente após o término da Guerra do Paraguai em 1870 - conhecida na literatura também como a “Guerra da Tríplice Aliança<sup>3</sup>”.

Esta realidade passa a transformar o município, ao passo que se tornou singular entre as demais formações urbanas da região. Segundo Fróes (2007) a referência marcante foi o título dado pelo Sr. D. Aquino Corrêa, bispo de Cuiabá em 1920 de “Princesinha dos Ervais”, conforme afirma Barboza (2012), tendo como seu precursor o senhor Tomaz Laranjeiras, fundador da icônica fazenda e companhia “Matte-Larangeira”, que mesmo entre diversas contrariedades, tornou-se fundamental para a criação do núcleo urbano pontaporanense. A erva-mate, nesse período, torna-

---

<sup>2</sup> Sancionada a lei nº 31 no dia 11 de outubro de 1977 com a divisão do estado Mato Grosso em dois estados: Mato Grosso e o novo estado de Mato Grosso do Sul. (GRESSLER e VASCONSELOS, 2005, p. 73).

<sup>3</sup> Devido a Aliança de guerra assinada entre o Brasil, Argentina e Uruguai para enfrentar o então presidente paraguaio Francisco Solano Lopez entre 1864 e 1870. (GRESSLER e VASCONSELOS, 2005, p. 46)



se uma espécie de “ouro-verde”, com um carregamento exploratório econômico bastante forte que em meio a conturbadas fases, reúne povos e diferentes costumes num mesmo território.

Diante dessa conjuntura, identifica-se inicialmente a premissa de que não se pode falar de cultura nem tampouco de suas definições sem pensar na sociedade a qual se refere, como um processo ativo, a cultura possui segundo Chacarosqui (2010), um caráter imitativo ou de idênticas manifestações compartilhadas, assimilando e convergindo. Com efeito, diversos povos e aglomerados urbanos, se formam – como é o caso das cidades gêmeas (Ponta Porã e Pedro Juan Caballero) – em torno de determinadas atividades ou interesses comuns, sejam de caráter social ou econômico.

Nessa ótica, surge a importante proposta do referido estudo – evidenciar a influência histórica e transterritorial que a erva-mate possui sobre a formação da identidade cultural do cidadão fronteiriço e os desafios encontrados frente ao processo de aculturação social despertada pela globalização junto a respectiva fronteira. Tal aspecto histórico vem de encontro a uma realidade preocupante no âmbito formacional do município, que é a perda gradativa do reconhecimento que integra uma parte importante da história sul matogrossense, mas principalmente do cidadão pontaporanense que está cada vez mais inserido em um cenário de interferência global e suas iminências *in loco*.

O presente estudo parte de uma abordagem metodológica de caráter exploratório bibliográfico, reunindo informações que contemplem o respectivo tema, bem como em diferentes obras literárias no objetivo de evidenciar o enraizamento influenciador e sociocultural desde o auge da exploração da erva-mate aos dias atuais.

A partir dessa introdução, a pesquisa apresenta na seção dois, uma discussão breve dos desafios enfrentados por parte das sociedades e suas manifestações culturais, frente às influências inevitáveis da globalização e trata das definições e conceitos de aculturação e transterritorialidade. Os aspectos históricos e formacional da cultura ervateira e sua dinâmica econômica no Mato Grosso do Sul, são tratados na seção três, bem como a miscigenação étnica da força de trabalho e as reações cotidianas inseridas nessa dinâmica histórica de grande importância para a região sul do MS. Na seção quatro, são evidenciadas as características e particularidades da fronteira e do município de Ponta Porã (MS) e sua dinâmica sociocultural e identitária frente à sua conjuntura histórica. Na sequência, considerado



o cerne do presente estudo, a seção cinco levanta a discussão proposta entorno dos aspectos próprios e específicos dos desafios da manutenção e reforçamento do sentimento de pertencimento identitário frente às incursões dos fatores globais.

## **2 Identidade Cultural e transterritorial: uma breve discussão conceitual da diversidade e os desafios da sociedade globalizada**

Povos, nações, línguas e etnias, são de certa forma os ponderados que passam a indicar os aspectos culturais de distinção de cada indivíduo ou pessoa frente ao seu contexto particular, contudo, a esse contexto chamamos de identidade. (KLEINSCHMITT e GUARESCHIYKEGAYA, 2012, p. 93) afirmam que “as identidades nacionais e outras identidades ‘locais’ ou particulares estão sendo *reforçadas* pela resistência à globalização”. Com isso, (SANTOS, 1994, p. 31) diz que “[...] as identidades culturais, não são rígidas, nem muito menos, imutáveis. São resultados sempre transitórios e fugazes de processo de identificação. [...] identidade são, pois, identificações em curso”.

Identidade nesse sentido se caracteriza na forma de distinção local e do sentimento de pertença do indivíduo frente a inserção deste em diferentes meios. Congruentes a esta definição, (KLEINSCHMITT e GUARESCHIYKEGAYA, 2012, p. 96) corroboram dizendo que os aspectos que circundam o conceito de identidade “[...] é a construção do sentimento de pertencimento pelos indivíduos localizados neste recorte político-territorial”, que de certa forma pode ser a nação, o estado ou a região em discussão.

Dentro dessa conjuntura espacial e identitária, se destacam com uma total particularidade geopolítica<sup>4</sup> e territorial as respectivas fronteiras latinas - referindo-se nesse sentido a fronteira Ponta Porã e Pedro Juan Caballero (Brasil e Paraguai). A transterritorialidade observada e manifestada na respectiva fronteira baseia-se na conceituação de (Raffestin, 1993 [1980]) como aquela que apresenta uma “multidimensionalidade do vivido territorial<sup>5</sup>”, expressando-se em relações funcionais

<sup>4</sup> Geopolítica é a congruência entre demasiados grupos de estratégias adotadas pelo estado para administrar seu território, e anexar a geografia cotidiana com a história. (HAESBAERT e MONDARDO, 2010, p. 21).

<sup>5</sup> Referindo-se à vivência do homem ao processo territorial, bem como ao produto gerado territorialmente, tal produto emana de um sistema de relações existenciais e/ou produtivas.



e/ou simbólicas entre sociedade e espaço. (CALLAI, 2004, p. 4) corrobora dizendo que um espaço territorializado faz parte da vida das pessoas e dos elementos integradores do cotidiano, onde esse espaço assume o papel de um cenário facilitador das ações de seus membros, com isso, se poderia dizer que esse espaço é um território vivo.

Não obstante, faz-se necessário distinguir cultura da temática identitária, como sendo esta primeira, “o sistema integrado de padrões de comportamentos aprendidos, os quais são característicos dos membros de uma sociedade e não o resultado de uma herança biológica [...], transmitida e aprendida somente através da comunicação e aprendizagem”, (HOEBEL e SILVA; 2005, p. 4 *apud* KLEINSCHMITT e GUARESCHIYKEGAYA; 2012, p. 96). Ao passo em que as dinâmicas territoriais – destacando-se as de recortes fronteiriços – são estimuladas e influenciadas por processos externos a elas, alguns fatores modificadores são mais latentes do que outros. Dois polos nesse sentido passam a corroborar na preocupação para com as características identitárias do lugar<sup>6</sup>, de um lado está a busca da manutenção do sentimento de pertencimento histórico-cultural à identidade local, e de outro a necessidade de acompanhamento dos fatores importantes para o desenvolvimento da região, que na maioria das vezes envolvem ações inovadoras e exógenas ao lugar.

Todavia são inúmeros os impactos causados por influências externas frente aos aspectos formacionais e históricos da cultura, bem como da identidade de um povo, seja no âmbito coletivo ou individual. Muitos desses fatores emanam das incursões de diferentes fatores, uma delas deriva do processo de aculturação, definida por Santos (1994), como sendo o processo de modificação cultural de indivíduo, grupo ou povo que com o passar do tempo se adaptam a outra cultura ou dela retira traços significativos de mudança ou transformação social.

A sociedade do século XXI é constantemente marcada tanto por transformações culturais como socioeconômicas, entre as principais estão as de valores e/ou crenças e as de paradigmas sociais. Contextualizando, Santos (1994) exemplifica:

“Os artistas europeus raramente tiveram de perguntar pela sua identidade, mas os artistas africanos e latino-americanos, trabalhando na Europa vindo de países que, para a Europa, não eram mais que

<sup>6</sup> Como sendo o cenário ou local de pertencimento do indivíduo e as relações comuns, manifestadas e entendida por todos os seus membros, através do fator produto e das inter-relações *in loco*.



fornecedores de matérias prima, foram forçados a suscitar a questão da identidade.” (SANTOS, 1994, p. 31-32).

O propósito, os resultados, bem como as condições, devem ser as primeiras questões a serem feitas por parte de quem pesquisa, estuda ou discute essa temática. É certo que o comportamento *in loco* dos membros de determinada sociedade, sofrem influências de diferentes prismas globais, (SANTOS, 2003, p. 141) afirma que “essa ideia de movimento e mudança é inerente à evolução da humanidade”, outros estudiosos do tema, aceitam de certa maneira que as identidades estão sujeitas ao plano da própria história, da representação, da política e da diferença de olhares, por isso são inúmeras as afirmações de caráter antropológico de que elas (as identidades), improvavelmente, sejam novamente unitárias ou sem influências.

A preocupação com a identidade, não é obviamente nova. Mudanças importantes aconteceram nos últimos anos e em diferentes esferas sociais, com efeito, Santos (1994) afirma que isso deixa no ar algumas dúvidas sobre, se a concepção hegemônica da modernidade se enganou na identificação das tendências dos processos sociais. Tais processos que se manifestam com intensidades diferentes em lugares diferentes, ou seja, ao invés de se voltar os olhos e pensamentos para o global como o fator que substitui o local, seria mais prudente pensar numa articulação sinérgica entre o global e o local, conforme afirma (HALL, 2002. p. 77 *apud* KLEINSCHMITT E GUARESCHIYKEGAYA, 2012, p. 93).

Dessa forma, é bastante provável que a globalização e seus aspectos socioeconômicos e culturais, irão estimular e fomentar de forma equiparada, novas identificações globais e novas identificações locais, surgindo de certa maneira a reafirmação do termo “glocal” ou “glocalização”, junção do global com o local. (SANTOS, 2003, p. 141) corrobora dizendo que “a globalização não é semelhante às ondas anteriores, nem a continuação do que havia antes, exatamente porque as condições de sua realização mudaram radicalmente”.

Assim, considerar os valores locais frente às rupturas hegemônicas, passam a se manifestar cada vez mais como trajetos desafiadores para a continuidade identitária própria do lugar e no estímulo do sentimento de pertencimento, estes unidos aos fatores formacionais de cada meio de inserção no qual o ser ou indivíduo se encontra.



### **3 A erva-mate na formação histórica, social e cultural das cidades gêmeas (Ponta Porã e Pedro Juan Caballero)**

A *Ilex paraguariensis* (St. Hil.)<sup>7</sup>, como é catalogada cientificamente a erva-mate, já era plantada e utilizada pelos indígenas do Novo Mundo<sup>8</sup>, que chamavam de caá, que traduzindo do Guarani, significa erva, Bianchini, (2000). A utilização da erva-mate como alimento e carregada de costumes entre os índios Guaranis, passou a se propagar e disseminar junto aos envolvidos na exploração dos ervais nativos das cidades gêmeas de Ponta Porã-BR e Pedro Juan Caballero-PY.

Mesmo com poucos estudos historiográficos<sup>9</sup> que poderiam reforçar junto aos registros da cultura histórica regional sobre a rotina dos índios Guaranis nos ervais, Ferreira (2007) afirma que o cotidiano indígena passou a contribuir bastante na compreensão de sua participação no empreendimento ervateiro e no uso da erva como elemento transterritorial e sociocultural dos grupos inseridos nessa dinâmica. O cotidiano tratado no referido estudo repousa no conceito de (Ferreira, 2007, p. 258), como sendo “[...] a vida privada, a familiar, as atividades relacionadas à manutenção dos laços sociais, ao trabalho doméstico e as práticas de consumo”. Assim, o cotidiano torna-se a representação do lugar onde se conserva os aspectos culturais e de rituais, ou seja, um lugar privado da história, Del Priore (1997) *apud* Ferreira (2007, p. 260).

A erva-mate sempre se apresentou de forma natural na região Sul de Mato Grosso do Sul, o fator de ocorrência natural da erva-mate no estado, o torna detentor de uma potencialidade similar aos demais estados produtores como Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. A erva-mate (*Ilex paraguariensis* St. Hil.) ocorre naturalmente em regiões subtropicais e temperadas da América do Sul, com distribuição a partir da região central do Rio Grande do Sul, estendendo-se em quase todo o estado de Santa Catarina, bem como o centro sul do Paraná e uma pequena parte do nordeste de São Paulo, (DANIEL, 2009; CIMÓ, 2015). Os autores destacam ainda que, do Oeste do Paraná a área de ocorrência natural da erva-mate segue para

<sup>7</sup> Referência dada ao nome do naturalista francês August de Saint-Hilaire que no ano de 1820 empreendeu várias missões no sul do Brasil para relatar à França as espécies de ervais sulistas. DANIEL (2009).

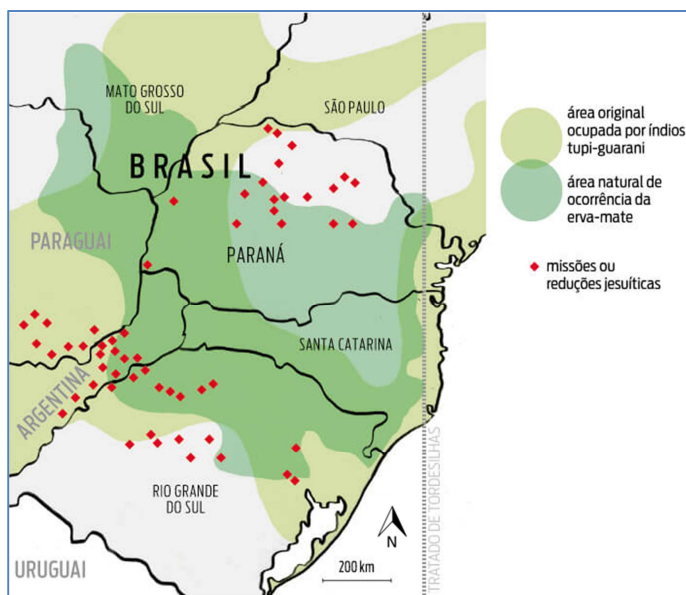
<sup>8</sup> Nome dado à América pelos colonizadores e exploradores europeus no século XV e XVI. (Márcia Ledur. 2013)

<sup>9</sup> Historiografia é o registro escrito da história, ou seja, é a arte de escrever e registrar os eventos do passado. (historiadahistoriografia.com.br).



o sul de Mato Grosso do Sul, parte da província de Misiones na Argentina e por fim, a região oriental do Paraguai conforme figura 1.

Figura 1 – Área de ocorrência natural da erva-mate



Fonte: Dallabrida et al. (2014 p. 60) – Desenvolvimento Regional em Debate. v.4 n.2 dez, 2014

É fato que no limiar do processo desenvolvimentista do antigo estado de Mato Grosso, as regiões foram sendo marcadas por distintas manifestações culturais e de integração entre os povos latinos da Bolívia e com mais intensidade do Paraguai para com esta ponta do Brasil. Entre os elementos de maior compartilhamento social e econômico nesta multiplicidade territorial está a erva-mate, constituída de um grande enredo integrador que também passou a ser um dos marcos de diferentes conflitos locais. Para (ABINZANO, 2010, p. 11) “*El frente extractivo impulso el surgimiento de una serie de epifenómenos [...] económicos, políticos, sociales y culturales como ocurre en las sociedades pioneras donde los actores se ven compelidos a una multiplicidad de tareas que abarcan un espectro muy amplio de locus sociales*”.

Frente a isso, (HAESBAERT e MONDARDO, 2010, p. 21) corroboram dizendo que “o espaço<sup>10</sup> e, por extensão o território<sup>11</sup>, vistos não como entidades

<sup>10</sup> Entendido aqui como àquele que não está delimitado por fronteiras ou limitações geográficas para sua dimensão ou atuação. Contextualiza-se no dimensionamento das manifestações da esfera social comuns do território. Adaptado de (LAMBERT, 2010, p. 39).

<sup>11</sup> “[...] referencial as relações sociais (ou culturais em sentido amplo) em que está mergulhado”. HAESBAERT (2002, p. 25) *apud* (LAMBERT, 2010, p. 34).





fechadas, mas abertas, surgem assim, como possibilidades de encontros/desencontros/confrontos e principalmente, como *trânsito* de diferentes sujeitos”. Estes sujeitos ou elementos transterritoriais, desde a intensidade histórica, se tornaram assim, um dos fatores direcionadores para o desenvolvimento do futuro estado de Mato Grosso do Sul, mas principalmente da atual cidade de Ponta Porã.

Assim como nas demais regiões do Brasil, o estado de Mato Grosso do Sul sempre foi habitado por diversas tribos indígenas – hoje reduzidos a pequenas e esparsas aldeias e população. Segundo dados apresentados pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) no ano de 2012 o estado de Mato Grosso do Sul possui uma população indígena no total de 61.737 pessoas, destes apenas 199 encontram-se na cidade de Ponta Porã. Pode-se considerar também de forma geral que o povo sul matogrossense, até mesmo antes da divisão e constituição dos dois estados, traz em sua formação social conforme Bianchini (2000), o índio, o branco e o negro, onde estes passaram a desempenhar de forma particular um papel importante e diferencial na escala social.

Vê-se nesse sentido, a figura do “branco” como conquistador e submissor no ambiente, conseqüentemente tendo como objeto o negro e o índio<sup>12</sup> submissos a este. Um cenário histórico que não foge da regra presente no passado do Brasil. Com efeito, a mão de obra indígena, passa a ganhar destaque e forte influência sobre a atividade ervateira, bem como das práticas do processo extrativista e produtivo da erva-mate frente aos demais costumes como àqueles muitos vindos com os migrantes gaúchos do Rio Grande do Sul que se aglomeravam principalmente na atual região de Amambai e Ponta Porã devido aos grandes ervais que ali se situavam.

Neste sentido, é com a atuação ativa e empírica da tribo paraguaia dos Guarani-Kaiowa<sup>13</sup> (cuja língua se apresenta como a segunda deste país), que a exploração dos ervais nativos ganha força no sul do antigo Mato Grosso, especificamente em fins do século XIX, (DANIEL, 2009, p. 236).

Logo após a guerra do Paraguai, ou Guerra da Tríplice Aliança (1864-870), a exploração da erva-mate ganha destaque, se tornando uma espécie de “ouro verde”

<sup>12</sup> Destacam-se os Kaiowá na região de Dourados, Teicuiê e os Ofaié-Chavante em Ponta Porã, Amambahí a uma légua da cidade de Amambai e os Taquapirí, reserva de Cerro Perã junto à fronteira paraguaia. AMARAL (1902) apud BIACHINI (2000).

<sup>13</sup> População indígena considerada pacífica que habitavam a região paraguaia (hoje Pedro Juan Caballero) e fronteira com Ponta Porã-MS. COMÊU (1977) apud BIACHINI (2000).



conforme afirma Daniel (2009) na região sul do antigo Mato Grosso, mais precisamente em Ponta Porã, Amambaí e Pedro Juan Caballero, esta última situada no país vizinho, o Paraguai. Grandes empresas passam a migrar para a região com o objetivo de assumir a exploração dos ervais que na época fomentou grande parte da economia brasileira. Nisso, Bianchini (2000) vai dizer que as ações deliberativas para a exploração dos ervais dependia do ponto de vista de cada governante na região, para alguns a melhor opção era a concessão à empresas privadas e para outros era mais indicada a intervenção do estado, problema que vinha se arrastando também pela conjuntura econômica do pós-guerra.

Neste cenário, uma pessoa se torna referencia no que se desenrolou o processo extrativista e mercantil dos ervais sul matogrossense – Thomaz Laranjeira, fundador da icônica Companhia Matte Larangeira<sup>14</sup>. A participação de Thomaz Laranjeira na comissão demarcadora para estabelecerem os limites entre Brasil e Paraguai depois da guerra no ano de 1872 segundo Fróes (2007), foi decisivo para aumentar o interesse na atividade e posteriormente receber, por meio de decreto<sup>15</sup> do Governo Imperial, concessão para a livre exploração dos ervais na região a partir do ano de 1882, onde até mesmo a paisagem da região sofreria alterações com esta iniciativa.

Com efeito, mais tarde a expansão e o fortalecimento da Companhia Matte Larangeira, a torna detentora da extração da erva-mate no sul do estado, tornando-se assim responsável, conforme Daniel (2009), pela fundação de cidades, vilas, aglomerados urbanos e até escolas. Pode-se considerar nesse sentido, a ocorrência de uma dinâmica própria e rentável na região, que segundo Cimó (2015), se deve ao fato de que a exploração ervateira foi bastante lucrativa economicamente no então Mato Grosso no início de 1890, por ter a característica de um produto de boa qualidade, também tinha como principal consumidor e fiel comprador a Argentina.

---

<sup>14</sup> Estabelecida em Porto Murtinho, a companhia juntamente com “os Murtinhos”, políticos tradicionais da época, dão nome a cidade, bem como ao porto ali situado para o escoamento da produção.

<sup>15</sup> Decreto nº 8.799 de 9 de dezembro de 1882, assinado por D. Pedro II para a exploração da erva-mate entre o Estado de Mato Grosso e o Paraguai.



### 3.1 A miscigenação da força de trabalho ervateira e sua influência sociocultural para a fronteira

Ao se inserir o significado de fronteira, algumas características comuns se desenvolvem na grande maioria dos estudos e na literatura que abordam o respectivo assunto, ou seja, são apresentados como sendo sempre os aspectos de descontinuidades, que visam impedir contatos diretos entre os povos inseridos nessa estrutura. Não obstante, (BANDUCCI, 2012, p. 314) contribui dizendo que de outro lado, existe uma visão mais romantizada associada a fronteira nesse sentido, com populações unidas fraternalmente, mesmo estas separadas por uma linha divisória que lhe foi imposta exteriormente.

Sob este prisma, a realidade fronteiriça das “cidades gêmeas” (Ponta Porã e Pedro Juan Caballero) conforme caracteriza Fróes (2007), possui características e distinções próprias inicialmente com a atividade extrativista da erva-mate no século XIV, que possuem em seu enredo histórico e cultural diferentes peculiaridades de aspectos próprios, congruentes à região sul do antigo estado de Mato Grosso. Com uma heterogeneidade de culturas e povos inseridos nesse processo, era majoritária a presença de paraguaios e indígenas, dos quais compunham a principal força de trabalho da extração nas matas sul-matogrossense, mais especificamente na fronteira entre Brasil e Paraguai no final do século XIX.

Fernandes (2012) afirma que este grande contingente populacional indígena ali presente, foi obrigado a ver suas terras sendo ocupadas intensamente pela Companhia Matte Larangeira, por colonos rio-grandenses e depois também pela Colônia Agrícola Nacional de Dourados (CAND)<sup>16</sup> a partir da década de 1940. Duas razões se apresentam de forma mais assertiva em relação da forte utilização da mão de obra indígena nos ervais, em primeiro lugar o conhecimento e a sua familiaridade com tipo de trabalho, em segundo, por estar mais próximo dos ervais nativos da região (ver figura 1) do antigo território de *Amambaí* (atual município de Ponta Porã), (BIANCHINI, 2000; FRÓES, 2007; FERREIRA, 2007).

---

<sup>16</sup> Criada em 28 de Outubro de 1943 pelo governo Getúlio Vargas no projeto de colonização “Marcha para o Oeste”, marca a total extinção da Companhia Matte Larangeira no estado e surge na intenção de agregar e conjugar a grande migração agrícola de diferentes estados para o antigo Mato Grosso, abrangendo a atual região da Grande Dourados. MENEZES (2011).



Pode-se dizer nesse sentido, que era essa maioria de paraguaios de antepassados Guarani, falando entre si o idioma Guarani, que constituía a verdadeira massa de trabalhadores nos ervais não só da Matte Larangeira, como das pequenas propriedades que atuavam nesse tipo de manejo. Muitas vezes sobrevivendo de forma subalterna dentro dos ervais da companhia conforme afirma Ferreira (2007).

A submissão aos industriais ervateiros como forma de sobrevivência e permanência em suas terras tradicionais – ou àquelas que se localizavam próximas a elas – tornou-se realidade para diversas tribos indígenas que antes ocupavam esta região, entre os quais, Fróes (2007) cita os Guaranis e os Kaiowás. Com a intensificação e ampliação dos ervais e toda a atividade que emana deste cenário, índios e paraguaios encontram-se inseridos como “*minêros*”<sup>17</sup> – considerando possivelmente o recrutamento por meio de promessas e recompensas ilusórias – na busca de uma renda alternativa ou trabalho remunerado, BRAND; FERREIRA; ALMEIDA (2005) consideram esta inserção da seguinte forma:

O trabalho na coleta da erva, emerge, claramente, como a única alternativa de trabalho “assalariado”, sendo que as aldeias localizadas em regiões com ervais nativos engajaram-se amplamente nessa tarefa, atraídos pelos bens que a Companhia Matte Larangeira oferecia, em especial roupas e ferramentas. (BRAND; FERREIRA; ALMEIDA, 2005, pg. 3).

Os métodos de colheita, bem como os preparos da erva para consumo por estes indígenas, passou a se disseminar entre aqueles que faziam parte do processo de manejo e atividade dentro das fazendas e territórios empenhados na exploração. Sob o prisma da convivência miscigenada dos diferentes povos inseridos nessa dinâmica, as trocas de crenças e costumes próprios de cada um, passam a influenciar o coletivo em diferentes aspectos e manifestações culturais.

(SELLAMARI, 2006, p. 109) afirma que “a atividade ervateira, tornou-se a primeira fonte de renda da fronteira, se apresentando como o mais forte laço de unidade entre os dois povos”. Mesmo com a forte e marcante presença da língua Guarani nos ervais – esta, compartilhada tanto por paraguaios e índios guaranis – o convívio e as interações sociais se faziam presente, com alguns conflitos de caráter

<sup>17</sup> Colhedor, cortador ou aquele que era contratado para realizar o corte das folhas da erva-mate na mata. FRÓES (2007).



comercial, familiar e de remuneração conforme afirma Bianchini (2000). Contudo, a dinâmica da atividade ervateira, tornou-se o elo de diferentes contextos e manifestações culturais, como na dança, na religiosidade e na culinária.

Entre outros, o “*mati*” surge como um precursor importante da influência da erva-mate na região de fronteira, o termo *mati* tem sua origem na língua *quíchua*<sup>18</sup> ou quéchuas como são comumente conhecidos. A palavra *mati* quer dizer cuia, cabaça ou porongo, sendo esta primeira, a que caracteriza o recipiente comumente utilizado na preparação do mate pontaporanense, consumida quente e com incrementos de outras ervas consideradas medicinais pelos habitantes da região, GERHARDT (2013, p. 225).

O autor evidencia ainda que hoje o consumo do mate continua sendo cultural e economicamente importante em grande parte da América do Sul, com diferentes formas de preparo com a *Ilex paraguariensis*, como o chá quente de erva-mate ou chá-mate, este último culturalmente conhecido na região de fronteira entre Ponta Porã e Pedro Juan Caballero como, “*mate cocido*”<sup>19</sup>, além do *tereré*, que se consome com água gelada.

Esta gama de fatores e plurilidades de costumes, hábitos e culturas do cotidiano fronteirço, esteve intrinsecamente aliada ao processo de desenvolvimento da região como um todo, dinamizando e unificando os seus indivíduos. Sellamari (2006) acredita que ao passo que é inevitável para o indivíduo se considerar resultado de sua história, sua cultura, suas crenças e emoções, é correto afirmar que da mistura desses povos, surgisse um homem exclusivo, miscigenado, guardando um pouco de cada um.

#### **4 Ponta Porã (BR) e Pedro Juan Caballero (PY): dois povos, duas línguas, uma só cultura**

Com forte atividade econômica urbana, pautada no turismo de compras, a fronteira possui uma demografia heterogênea, ou seja, constituída por paraguaios e também por brasileiros de diferentes partes do Brasil. O município de Ponta Porã

<sup>18</sup> Tribo indígena peruana. Alguns estudos indicam uma possível interação comercial entre este povo e os Guaranis que habitavam os territórios que pertencem atualmente ao Paraguai e o Sul de Mato Grosso do Sul. (Barreto s/d, p. 3 e 4)

<sup>19</sup> Ainda hoje é bastante comum seu consumo, tanto no lado paraguaio como no lado brasileiro, onde seu preparo consiste na queima da erva triturada com carvão e açúcar, logo depois se faz a inserção de água quente e procede-se com a coagem para o consumo, muitos adicionam leite logo depois de pronto.



possui atualmente 77.872 habitantes<sup>20</sup> identificados junto ao censo de 2010, relacionando ainda uma estimativa segundo o mesmo instituto de 88.164 para o ano de 2016. O município de Pedro Juan Caballero do lado paraguaio possui atualmente um total de 108.625 habitantes<sup>21</sup> segundo dados censitários do ano de 2012,

No que tange a formação do aglomerado urbano de Ponta Porã, como já abordado, se deve entre outras à presença da atividade agropecuária e da extração – agora tímida – da erva-mate por seu vasto território, ao passo que esta última torna-se importante na caracterização do município como “Princesinha dos Ervais”. Segundo Gressler e Vasconcelos (2005), no dia 13 de setembro de 1943, o então presidente Getúlio Vargas cria no país cinco novos territórios federais: Amapá, Rio Branco (atual Roraima), Iguaçu, Guaporé (Atual Rondônia) e Ponta Porã.

Diante dessa estrutura, os autores afirmam ainda que o território Federal de Ponta Porã compreendia neste período, oito municípios, sendo: Miranda, Porto Murtinho, Bonito, Bela Vista, Maracajú, Nioaque, Dourados e Ponta Porã. Não obstante, para Fróes (2007), o processo desenvolvimentista para as regiões distantes dos grandes centros da época, como São Paulo e Rio de Janeiro, se apresentava como uma importante meta nacional, por parte dos governadores e pelo próprio presidente do país. Esta afirmação pode ser entendida diante do respectivo texto:

Algumas áreas brasileiras, devido situarem-se em regiões de fronteiras do Brasil com outros países, ou também por pertencerem a estados da federação os quais eram muito grandes e com uma população pequena, exigiam do governo alguns cuidados maiores. Dessa forma para propiciar o desenvolvimento dessas áreas criaram-se os chamados territórios federais, os quais eram administrados por seus governadores locais, os territórios por sua vez, eram administrados pelo governo federal e pelo presidente do país. (FRÓES, 2007, pg. 60).

Segundo (SELLAMARI, 2006, p. 32), “o povoado teve início do lado paraguaio, e com o tempo foram surgindo do lado brasileiro algumas poucas casas ainda rústicas”. Assim, Como ocorre em diversas sociedades, o vínculo econômico

<sup>20</sup> Censo Demográfico 2010 – IBGE Cidades. (cidades.ibge.gov.br)

<sup>21</sup> PARAGUAY. Proyección de la población por sexo y edad, según distrito, 2000-2025. Revisión 2015. (dgeec.gov.py)



permeia todas as ações e direcionam quase sempre todos os segmentos de uma nação ou um povo.

Considerando que de 1880 a 1940 a região de fronteira teve sua economia subordinada ao ciclo da erva-mate, foi exatamente o peão paraguaio o grande esteio que sustentou aquela atividade rude, que por mais de meio século enriqueceu a poucos, movimentando o mercado local e internacional. (SELLAMARI, 2006, p. 109).

Nesse aspecto, a autora corrobora dizendo ainda que junto à conjuntura socioeconômica que fomentava e que ainda contribui no dinamismo – homogêneo por assim dizer – das cidades de Pedro Juan Caballero e Ponta Porã, estão manifestados também os aspectos culturais, como na arte, na literatura, na religião, no vestir, na culinária etc. Diante desse aspecto étnico e cultural, é observado que a presença dos índios Guaranis, Terenas e Kadiwéus – estes últimos, remanescentes dos Guaicurús – compreendia majoritariamente todo o antigo território Federal de Ponta Porã até os anos de 1946 conforme figura 3, onde segundo Gressler e Vasconcelos (2005), com a promulgação da nova constituição Federal neste mesmo ano, o território federal de Ponta Porã é extinto.

Figura 3 – Antigo território federal de Ponta Porã



Fonte: Glessler e Vasconcelos (2005, pg. 74)



Mesmo diante de diferentes contextos locais e regionais, o município de Ponta Porã no estado de Mato Grosso do Sul se apresenta dotado de características próprias e diferenciais únicos do restante do estado, a sua dinâmica, econômica, política, mas principalmente, sociocultural se destacam pela sua localização territorial, estimulando assim as trocas de influências entre as cidades gêmeas, Ponta Porã e Pedro Juan Caballero do ponto de vista sociocultural.

## **5 Fronteira: os desafios da manutenção da identidade regional e preservação da cultura transterritorial**

O território continental latino americano possui em sua característica e/ou na sua essência, uma multiplicidade de culturas e manifestações sociais muito particulares nas suas fronteiras. É sabido que os fatores desenvolvimentistas dessas fronteiras tem como base ou inspiração na maioria das vezes os de caráter de países mais ricos ou já desenvolvidos. (FRANÇA e PIRANI, 2012, p. 181) corroboram nesse sentido dizendo que “os modelos de desenvolvimento do passado não prevalecerá, em função do interesse pela aprendizagem coletiva de construir relações de confiança duradouras capazes de enfrentar os desafios do desenvolvimento da America Latina”.

Pode-se considerar nesse sentido que os desafios repousam na preocupação de manutenção e preservação das manifestações sociais e culturais que tornam este continente tão próprio e distinto dos demais, seja pela sua congruência de línguas e costumes ou pelas constantes iniciativas de reforçamento e reinvenção da multiplicidade identitária aqui presente.

Para (HAESBAERT e MONDARDO, 2010, p. 21) no que tange à formação dessas multiplicidades identitárias, corroboram dizendo que “[...] a mobilidade e a multiplicidade do espaço configuram um grande potencial para trocas e mesclas culturais que apontam para uma ‘nova’ realidade sócioespacial, reveladora dessa reinvenção de territorialidades”. Contudo, as influencias externas se apresentam cada vez mais com maior intensidade e atratividade para gerar, gradativamente, uma espécie de descontinuidade histórico-cultural. Consideram-se tais fatores externos como sendo àqueles forjados na seara global e que são assumidos de forma quase inquestionável no âmbito local.





Esse ecletismo moderno é inevitável, as práticas e hábitos usuais dos grandes centros se misturam simultaneamente com aqueles vividos e aprendidos nas sociedades ou nações menores. (KLEINSCHMITT e GUARESCHIYKEGAYA, 2012, p. 96) corroboram dizendo que “[...] nação não é só identidade política, mas também algo que produz sentido – um sistema de representação cultural”. Ao passo que os fatores desenvolvimentistas avançam sobre a região de fronteira entre Brasil e Paraguai, especificamente junto à conjuntura das cidades de Ponta Porã e Pedro Juan Caballero, as características particulares, presentes principalmente no sistema de representação cultural existente nessa região, se confundem com simbolismos globais. Dentre os diferentes processos de aculturação ou de influências globais, a figura do indígena foi a que mais se perdeu ao longo do tempo na respectiva fronteira. Diante disso, (KLEINSCHMITT e GUARESCHIYKEGAYA, 2012, p. 97) afirmam que “a unificação de (talvez conformação) de diversas culturas numa nação só se deu por meios violentos, pela supressão forçada de diferença cultural”.

As reconfigurações regionais que se formam frente às influências exógenas são de certa forma reações adaptativas das manifestações sociais *in loco*. (SANTOS, 2003, p. 79) corrobora nesse sentido dizendo que “a globalização com a proeminência dos sistemas técnicos e da informação, subverte o antigo jogo da evolução territorial e impõe novas lógicas”. É no lugar – configurado como um cenário – que as colisões entre os atores e o território em sua totalidade, propagam as proeminências do global e a aceitação do que é novo, tecnológico ou inovador. Diante disso, (GARCEZ, 2000, p. 362) afirma que para compreender as abordagens de inovação, deve-se assumir aspectos “histórico-culturais como centrais, incluindo todos os atores presentes no sistema, como universidades, centros de pesquisas e instituições de estímulo à inovação, gerando também o direcionamento ao aprendizado de forma contínua”.

Nesse sentido, colocando em destaque e como o cerne do referido estudo, a fronteira Brasil e Paraguai (Ponta Porã e Pedro Juan Caballero), a multiplicidade étnica e cultural que se configura nesse território, necessita de um olhar crítico sob o prisma da valoração dos fatores transterritoriais. Como se viu, a erva-mate se destaca como o ícone transterritorial dessa conjuntura. Na medida em que se desenvolvem as cidades gêmeas aqui destacadas, as incursões globais – seja na inovação tecnológica ou agregação de conhecimento junto aos atores locais – se tornaram marcantes endogenamente.



Cabe nesse sentido, ações de políticas públicas de diferentes esferas regionais e estaduais, disseminarem e estimularem *in loco* inicialmente, incursões inversas às da globalização ou daquelas de viés aculturador. Tais incursões não poderiam ter o princípio de impedimento da globalização, - o que é impossível - mas resgatar junto aos atores locais os ícones e símbolos regionais de caráter transterritoriais da fronteira como a riqueza histórico-cultural que cerca a atividade ervateira para este recorte territorial da América Latina.

## 6 Considerações finais

As relações e interações sociais de um povo ou de determinados grupos, buscam sempre agregar pontos de ligação ou fatores que determinam suas características próprias. De certa maneira, essas congruências emanam do convívio no cotidiano, das crenças coletivas, dos costumes próprios e das manifestações regionais identitárias de seus membros, bem como àqueles que passam a ser influenciados direta e indiretamente por esses aspectos. Nesse sentido, observa-se que a identidade perpassa a compreensão do conceito de si, o que se alto representa dentro de um sentimento pessoal, por isso considerou-se no respectivo estudo que a perspectiva de identidade social e pessoal, surge como atributos específicos do indivíduo, sendo aquilo que irá determinar o sentimento de pertença de um grupo ou categoria social.

No contexto do município de Ponta Porã, essas manifestações culturais e identitárias possuem na sua endogenia, uma diversidade de congruências culturais com a cidade vizinha paraguaia de Pedro Juan Caballero. Nessa dinâmica cultural e sinérgica de manifestações próprias de identidade da região pontaporanense, a ervamate possui uma importante influência histórico-cultural bastante enraizada no contexto municipal. Devendo-se a isso a influência dos índios Guarani e Kaiowá no que tange o uso e consumo da *Ilex paraguariensis*, até os muitos hábitos e costumes paraguaios que tiveram suas origens nos ervais sul-matogrossense, no cotidiano extrativista, bem como nas relações de amizades e nos laços familiares.

Contudo, o estudo trás um olhar crítico e contributivo no que tange a preocupação das aculturações de caráter global no âmbito regional. A evolução e os



impactos do desenvolvimento para o contexto regional são inevitáveis e tampouco indiscutíveis, não obstante, manter e disseminar entre as gerações presentes e futuras os caminhos formacionais e histórico-culturais se tornam hoje cada vez mais importantes e/ou urgentes na busca da manutenção da identidade própria. Este *insight* sociocultural por assim dizer, deve mais do que nunca ter sua origem no meio educacional, com forte atuação das secretarias estaduais e municipais responsáveis, objetivando dessa forma a compreensão “teórico-prática” das potencialidades históricas, culturais e identitárias da “Princesinha dos Ervais” e seu povo, buscando responder *a priori*: o que se tem de diferente *in loco* que se destacam das demais regiões do Brasil?

Assim, desde os primórdios da grande presença indígena onde hoje se concentra a cidade de Ponta Porã e Pedro Juan Caballero, a erva-mate nunca deixou de ser referência de sociabilidade e integração desse povo, nesse sentido vemos que entorno do icônico tereré, a multiplicidade étnica e transterritorial da erva-mate vai além da simples bebida, sendo assim um forte elemento integrador e gerador de um povo, confirmando assim, uma identidade.

## Referências

ABINZANO, Roberto Carlos. “El frente extractivo de yerba mate y maderas: una actividad socioeconómica transnacional de la triple frontera” In: NÚNES A.; PADOIN M. M.; OLIVEIRA, T. C. M. **Dilemas e diálogos platinos: relações e práticas sócio-culturais** / Ángel Núnes; Maria Medianeira Padoin; Tito Carlos M. de Oliveira (Organizadores) – Dourados, MS: Ed. UFGD, 2010. 2v.

BARBOZA, Elder Lopes. **Território e erva-mate: um estudo da erva-mate em Mato Grosso do Sul e sua relação com o Paraguai** / Elder Lopes Barboza. - Corumbá, MS, 2012.

BIACHINI, Odaléa da Conceição Deniz. **A companhia Matte Larangeira e a ocupação da terra do sul de Mato Grosso : (1880-1940)**. Ed. UFMS – Campo Grande, 2000.

BRAND, A. ; FERREIRA, E. M. L. ; ALMEIDA, F. A. A. **Os Kaiowá e Guarani em tempos da Cia Matte Larangeira: negociações e conflitos**. ANPUH – XXIII Simpósio Nacional de História – Londrina, 2005.

CALDAS, Marina. **Tereré, hábito sul-matogrossense**. I Seminário sobre alimentos e manifestações culturais tradicionais, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE – 21 a 23 de maio de 2012.



CHACAROSQUI, Gicelma da Fonseca Torchi. A cultura sul-mato-grossense e sua condição mestiça: aspectos semióticos da manifestação popular do el toro candil. Boitátá – **Revista do GT de Literatura Oral e Popular da ANPOLL**. Londrina, n. 10, p. 18-33, jul-dez 2010.

CIMÓ, Paulo Roberto C. Queiróz. Mato Grosso/ Mato Grosso do Sul: divisionismo e identidade (um breve ensaio). **Diálogos**, DHI/PPH/UEM, v. 10, n. 2, 149-184, 2006.

CIMÓ, Paulo Roberto C. Queiróz. A Companhia Matte Laranjeira, 1891-1902: contribuição à história da empresa concessionária dos ervais do antigo sul de Mato Grosso. **Revista Territórios & Fronteiras**, Cuiabá, vol. 8, n. 1, jan.-jun., 2015.

DALLABRIDA, V. R.; SANTOS, F. T.; PETRENTCHUK, L. W.; SAKR, M. R.; BARBOSA, M. Z.; ZEITHAMMER, N.; MOREIRA, P.; SCOLARO, T. L.; MARCHESAN, J. Indicação geográfica da erva mate no território do contestado: reflexões e projeções. **DRd – Desenvolvimento Regional em debate** (ISSN 2237-9029). v. 4, n. 2, p. 44-77, jul./dez. 2014.

FERREIRA, Eva Maria Luiz. **A participação dos índios Kaiowá e Guarani como trabalhadores nos ervais da Companhia Matte Larangeira (1902-1952)**. Dissertação (mestrado), UFGD, Dourados, 2007.

FERNANDES, José Antonio. Trabalhadores da erva-mate: os “mundos ervateiros” e as relações de trabalho no Paraná, Santa Catarina e Mato Grosso. **Rev. História e História**, Unicamp, Campinas, 2012.

FRÓES, Milton Batista. **Aral Moreira e Juvenal Fróes: Os caminhos da erva-mate na fronteira sul-mato-grossense** / Ed. Massoni. Maringá-PR, 2007.

FRONTEIRAS PLATINAS TERRITÓRIO E SOCIEDADE / Héctor Hugo Trincherro, Tito Carlos M. Oliveira (Organizadores) – Dourados: Editora UFGD, 2012.

GARCEZ, C. M. D’ávila. Sistemas locais de inovação na economia do aprendizado: uma abordagem conceitual. **BNDES**, v.7, n.14, p.351-366. Rio de Janeiro, 2000.

GERHARDET, Marcos. **A História Ambiental da Erva-Mate**. Tese Doutorado. UFSC, Florianópolis, 2013.

GRESSLER, L. A. ; VASCONCELOS, L. M. **Mato Grosso do Sul: Aspectos históricos e geográficos**. 1ª edição, L. Gressler – Dourados, 2005.

KLEINSCHMITT, Sandra Cristina; GUARESCHIYKEGAYA, Tupiara. “A identidade, a fronteira e a etnia no contexto global/local da sociedade contemporânea” In: TRINCHERO, H. H.; OLIVEIRA, T. C. **Fronteiras platinas, território e sociedade** / Héctor Hugo Trincherro, Tito Carlos M. Oliveira (Organizadores) – Dourados: Editora UFGD, 2012.

LAMBERTI, Eliana. **Reexportação e turismo de compras na fronteira: o caso das cidades gêmeas Pedro Juan Caballero (Paraguai) e Ponta Porã (Brasil)**. Eliana



Lamberti e Patrícia Cristina Statella Martins. – Pelotas: Editora Universitária/UFPEL, 2010. (Série: Fronteiras da Integração)

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura**: um conceito Antropológico. Ed. Zahar – Rio de Janeiro, 2001.

MENEZES, Ana Paula. Colônia Agrícola Nacional de Dourados – História e Memória: consideração acerca da construção de uma memória oficial sobre a CAND na região da Grande Dourados. **Revista História em Reflexão**: Vol. 5 n. 9 – UFGD - Dourados jan/jun 2011

MORESCO, Marcielly Cristina ; RIBEIRO, Regiane. O conceito de identidade nos estudos culturais britânicos e latino-americanos: um resgate teórico. **ANIMUS – Revista Interamericana de Comunicação Midiática**, v.14 n.27, UFSM-2015.

RAFFESTIN, C. (1993) (1980). **Por uma Geografia do poder**. Ática. São Paulo.

SANTOS, Boaventura de Souza. Modernidade, identidade e a cultura de fronteira. *Tempo Social*; **Rev. Sociol. USP**, S. Paulo, 5(1-2): 31-52, 1993 (editado em nov. 1994).

SANTOS, José Luiz dos. **O que é Cultura**. São Paulo: Brasiliense, 2006- (Coleção Primeiros Passos; 110).

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. 10ª edição – Record. Rio de Janeiro, 2003.

SELLAMARI, Ma. Ap. Sella. **Ponta Porã – Fronteira sem limite**: um olhar de gratidão. Ed. Borba, Ponta Porã/MS, 2006.